

# REFLEXÕES SOBRE A GLOBALIDADE E MULTIPLICIDADE DA VIVÊNCIA DA MULHER E A INADEQUAÇÃO DOS CONCEITOS BIPOLARES

## A ROSA NÃO É A ROSA

*Teresinha D'Aquino Ricci*

Professora de Antropologia e  
Sociologia em Lins — SP

### RESUMO

O artigo questiona o uso de conceitos dicotômicos nas análises sobre a condição feminina. A partir da análise do trabalho da mulher nas olarias (no interior de São Paulo). Caracteriza as olarias, descrevendo as formas de produção e de comercialização do produto. Analisa a organização e divisão de trabalho internas a estes estabelecimentos e, finalmente, as condições de vida e trabalho das oleiras. Através da análise das dimensões de tempo e espaço, constata-se que trabalho e vida familiar não se separam, mas se sobrepõem, coincidem. Nas olarias, a possibilidade de conciliar atividades produtivas e domésticas faz ressaltar a importância singular da mulher como produtora e reprodutora.

### SUMMARY

This paper questions the use of dicotomic concepts in the analysis of women's condition, based on the study of women's work at the potteries, in the countryside of São Paulo state. Characterization of the potteries, describing the forms of production and commercialization of the product. Analysis of the organization and division of labor inside those factories. Finally, it detects the conditions of life and labor of their women workers (oleiras). Through the analysis of the dimensions of time and space, it is stressed that work and family life are not detached, but coincide. In the potteries, the possibility of conciliating domestic and productive activities reveals the particular significance of the productive and reproductive roles of women.

Este trabalho é parte de reflexões que venho fazendo a respeito da condição da mulher na sociedade capitalista a partir de uma situação concreta: o trabalho da mulher nas olarias da cidade de Barbosa, situada na região Noroeste do Estado de São Paulo, na 9ª região Administrativa.

A análise da situação concreta da trabalhadora de olaria levou-me a encontrar analogias entre a vivência desta trabalhadora e de outras mulheres, quer a trabalhadora a domicílio, no meio urbano, quer a mulher cuja

ocupação concentra-se na produção para subsistência, no seio da economia familiar. Essas trabalhadoras têm um dia-a-dia repleto de atividades de trabalho bastante diversificadas. São jornadas de trabalho extensas, que mesclam o trabalho doméstico com o trabalho na produção de produtos para subsistência ou para a comercialização.

A vida dessas trabalhadoras leva-me a questionar as tradicionais dicotomias bipolares usadas na análise da questão feminina: homem-mulher; masculino-feminino; trabalho produtivo-improdutivo; público-privado; personalidade básica-personalidade *status*. A própria idéia de descontinuidade entre a jornada doméstica e a jornada pública é questionável, quando se analisa a vivência dessas trabalhadoras.

Neste trabalho quero questionar a aplicação indiscriminada da noção de dupla jornada aliada à dominação masculina para explicar a situação da mulher. Procuro encontrar formas de análise da questão feminina inseridas nas relações de classe, ou seja, formas que entrecruzam as relações de gênero e de classe na situação concreta.

Os conceitos, tal como o de dupla jornada, são históricos, portanto, aplicáveis a certa realidade em certo tempo. É necessário encontrar conceitos que expliquem as contradições em jogo em cada situação concreta, porque o capitalismo não se desenvolve nem se expande de forma homogênea. Ao desenvolver-se, redimensiona a vivência de homens e mulheres na sociedade, manifestando-se de formas diferenciadas, segundo seus interesses.

Minha intenção aqui não é negar o conceito de dupla jornada de trabalho. A dupla jornada existe e a nível conceitual tem sido extremamente importante para a análise da situação da mulher e para o movimento de tomada de consciência dessa situação. Mas é conceito que foi forjado para explicar funções desempenhadas no meio urbano, sob o regime salarizado, onde ocorre perfeita cisão entre jornada doméstica, voltada para a reprodução do grupo familiar e a jornada para a produção de mercadorias.

Na pesquisa que venho realizando nas olarias, não encontrei essa nítida separação entre as duas jornadas.

Passar para o papel toda a riqueza que encontrei no real, tornou-se tarefa difícil, porque as produções teóricas sobre a mulher não me forneciam conceitos adequados para explicar a realidade que pesquisei. Busquei, então, outra terminologia, "jornada combinada", aplicável quando a trabalhadora combina as duas jornadas ao longo do dia e "jornadas superpostas" para explicar essa realidade em que as duas jornadas estão *imbricadas*, em que ocorre *superposição* das jornadas, no espaço e no tempo. Procurarei neste trabalho, mostrar como essas duas jornadas se imbricam, sem que isso signifique, entretanto, que a jornada de trabalho da oleira seja menos penosa e menos extensa que a de outras trabalhadoras que não têm a jornada combinada.

Neste estudo procuro fazer análise da situação da trabalhadora de olaria sob a perspectiva da produção e da reprodução e das relações de gênero/família. Procuro captar as relações entre as diversas classes e frações de classes presentes que se aliam às formas masculinas de dominação para explorar uma mulher — a oleira — enquanto trabalhadora e reprodutora.

O estudo dessa situação concreta permitirá melhor reflexão sobre a aplicabilidade das noções dicotômicas à questão da mulher no seio da sociedade capitalista.

## O TRABALHO NA OLARIA

O trabalho na olaria é familiar. A organização e divisão do trabalho ocorre no interior da família. É a economia doméstica que extravasa para o mundo do trabalho.

Na olaria o homem faz o trabalho considerado "pesado" (retirar o barro do barreiro, amassar o barro, enformar e desenformar os tijolos, queimar os tijolos, carregar caminhão). A mulher, as crianças e homens incapacitados para o trabalho "pesado", fazem o trabalho denominado "leve" (cortar tijolos, levantá-los e "engambetá-los", colocando-os em pilhas).

A divisão sexual que destina à mulher o trabalho "leve" e ao homem o "pesado" é divisão que aparece ao nível das representações. Na realidade, nas unidades produtivas em que o trabalho é exclusivamente familiar e mesmo naquelas que empregam trabalho assalariado, quando "o serviço aperta" a mulher faz de tudo: ajuda a amassar o barro, a enformar e desenformar, a carregar o caminhão.

Os diferentes graus de submissão do empreendimento ao capitalismo determinam, entretanto, diferentes formas de exploração do trabalho, seja ele masculino, feminino ou infantil. Não tenho a intenção de tomar as determinações como incidindo exclusivamente sobre o trabalho feminino, mas irei salientar aqui a posição da mulher no processo produtivo e a forma como essa inserção determina sua vivência.

Procurarei, inicialmente, caracterizar as olarias conforme o tipo de empreendimento, o grau de subordinação ao capital e a forma como exploram o trabalho feminino. A seguir, analisarei a organização e divisão do trabalho e as condições de trabalho e de vida das oleiras.

As olarias estudadas localizam-se no município de Barbosa, na região Noroeste do Estado de São Paulo. Conforme dados preliminares do Censo de 1980, o muni-

cípio tem 5.600 habitantes, dos quais 3.446 no meio urbano e 2.154 no meio rural.

Moram nas olarias, 870 pessoas, o que indica que cerca de 15,4% da população do município está ligada à atividade oleira. A população residente nas olarias está assim distribuída: 275 homens e 211 mulheres acima de 16 anos; 384 crianças. Dessas 870 pessoas, 594 trabalham nas olarias (257 homens, 132 mulheres, 205 crianças).

As olarias estão localizadas predominantemente no meio rural (das 50 unidades produtivas, apenas 6 estão no meio urbano), 32 em fazendas e 13 em sítios. Os trabalhadores moram junto ao local de trabalho, em casas cedidas pelos donos. Essas casas estão dispostas como em uma colônia de fazenda e distam 500 metros dos terreiros de olaria.

As olarias estão reunidas nas mãos de 16 donos mas a maior parte está arrendada, o que me faz considerar cada unidade produtiva como uma olaria. Desta forma localizei 50 olarias, das quais apenas seis têm como responsável o próprio dono. Vinte e nove delas estão arrendadas; oito estão sob o sistema de meação e sete têm como responsável o próprio empreiteiro.

De maneira geral, o porte do empreendimento é pequeno: 47 das 50 olarias produzem até 10.000 tijolos por dia, empregando uma ou duas pipas de pau movida à tração animal, ou a pipa movida a diesel ou eletricidade, para amassar o barro.

Das 50 olarias, nove empregam apenas mão-de-obra familiar, dezoito empregam mão de obra familiar e de outras famílias, contratadas por empreita; sete empregam membros da família e um ou outro trabalhador individual. De qualquer forma, é importante salientar que 36 famílias dos 50 responsáveis pelo empreendimento trabalham na atividade.

Dos responsáveis pelas olarias, 88% (44 pessoas), trabalham na atividade, puxando o barro, amassando-o, puxando lenha, transportando tijolos. Vinte e nove responsáveis fazem "de tudo" e apenas dois coordenam, orientam, cuidam do trabalho.

A tecnologia empregada não varia muito nas olarias. Quarenta e seis delas empregam a pipa de pau movida a burro, que permite produzir 3.000 tijolos por dia. Quatro usam a pipa mecânica movida a eletricidade e a de pau; e duas, a pipa mecânica a diesel. A pipa-de-pau é preferida por ser mais econômica, de mais fácil manejo mais prática. A pipa mecânica permite produzir muito mais (até 15 mil tijolos por dia), mas encarece a produção e exige grande quantidade de barro e mais mão-de-obra para o corte. O corte do tijolo é sempre feito manualmente.

Essas informações indicam que há, na realidade pouca diferenciação entre as olarias. Essas diferenças são, entretanto, suficientes para determinar formas diferentes de exploração da mão-de-obra e, portanto, diferenças na condição da trabalhadora. Nos pequenos empreendimentos, a mão-de-obra da família é superexplorada: todos os trabalhadores, inclusive a mulher, fazem "de tudo", ou seja, exercem todas as funções na olaria, têm jornada de 12 ou 13 horas de trabalho e vendem o tijolo mais barato do que as maiores que estão melhor localizadas e têm maior poder de barganha. Cabe salientar que 72% das esposas dos responsáveis pelo empreendimento

não trabalham. Há dois responsáveis que são mulheres.

O fator localização também é fundamental: encontrei trabalhadoras de olarias localizadas a 5km da cidade que há mais de ano não saiam do local. Já as trabalhadoras de olarias próximas chegam a ir semanalmente à cidade, para compras. O mais comum é a ida quinzenal, para as compras no dia do pagamento.

Os dados da pesquisa permitiram-me concluir que qualquer que seja a condição do responsável pela unidade produtiva, ele está submetido aos interesses dos comerciantes de tijolos, que retiram os tijolos na própria olaria. No mês de julho de 1984, o milheiro de tijolos custava Cr\$ 25.000,00 nas olarias e estava sendo vendidos na olaria a Cr\$ 8.000,00 ou Cr\$ 9.000,00 e comercializados a Cr\$ 18.000,00 e Cr\$ 20.000,00 na cidade.

No período compreendido entre janeiro de 1983 e junho de 1984 pude observar o progressivo achatamento na lucratividade das olarias. O custo da mão-de-obra e da lenha aumentou muito: o gasto total com mão-de-obra passou de Cr\$ 4.126,00 (a preços de junho de 1984) para Cr\$ 6.000,00; o custo da lenha, que era de Cr\$ 6.511,00 em janeiro de 1983 (a preços corrigidos para junho de 1984) passou a ser de Cr\$ 12.000,00 por milheiro de tijolos (Vide tabela 1).

TABELA 1		
CUSTOS DA PRODUÇÃO DE 1.000 TIJOLOS		
Mês e Ano	janeiro 1983*	junho 1984
Mão-de-obra . . . . .	4.126,00	6.000,00
Lenha . . . . .	6.511,00	12.000,00
Renda** . . . . .	4.360,00	5.000,00
Total . . . . .	14.997,00	23.000,00

\* A preços de junho de 1984  
\*\* No caso de arrendamento

Considerando os preços de venda dos tijolos na olaria e na cidade, conforme tabela 2, verifica-se que o preço na olaria não acompanhou o custo. Em janeiro de 1983, havia uma diferença de Cr\$ 18.382,45 por 1.000 tijolos que cobria os outros custos e permitia lucro ao responsável pela exploração. No caso do arrendatário, calcula-se que esse lucro variasse entre Cr\$ 8.000,00. No caso do próprio dono explorá-la, o lucro aumentaria para Cr\$ 12.000,00 ou Cr\$ 14.000,00. Atualmente, a margem de lucro, que não remunera sequer o trabalho de administração do arrendatário, é de apenas Cr\$ 2.000,00.

O achatamento dos ganhos do responsável pela olaria (no caso explicitado na tabela 2, o arrendatário) foi acompanhado de aumento na lucratividade do comerciante.

Os números absolutos não dão idéia adequada da variação nos preços de custo e de venda dos tijolos. O crescimento percentual revela, claramente, o achatamento na lucratividade do responsável pela olaria e o aumento da lucratividade do comerciante de tijolos. Enquanto os preços de custo variaram 53,4% no período compreendido entre janeiro de 1983 e junho de 1984, o preço de venda cresceu apenas 9% na olaria e 49,8% na cidade. Esses números revelam quanto o dono da olaria foi massacrado pela parcela muito grande de valor apropriado pelo vendedor da cidade. Isto revela o caráter especulativo de nossa economia, em que o produtor direto vem sendo cada vez mais prejudicado, enquanto o intermediário tem sua lucratividade mantida ou, às vezes, aumentada.

O produto não tem domínio da esfera da circulação, na cidade; não dispõe de uma pessoa para cuidar da comercialização e não pode invocar a proteção do Estado, por operar na clandestinidade. O caráter clandestino e especulativo da economia gera situação em que o produtor está submetido aos interesses do comerciante. Esse fator, aliado à crise geral e à específica da construção civil, coloca em risco a continuidade da atividade oiteira, nos moldes vigentes, no local estudado.

O achatamento da lucratividade da olaria reflete diretamente na exploração da mão-de-obra feminina e infantil, que trabalha no corte dos tijolos. As 50 unidades produtivas pesquisadas empregam no corte, na

TABELA 2			
PREÇOS DE VENDA DOS TIJOLOS NA OLARIA E NA CIDADE E PREÇOS DE CUSTO			
Preços	janeiro 1983*	junho 1984	Crescimento Percentual
Preços de custo . . . . .	14.997,00	23.000,00	53,4%
Preço de venda na olaria . . . . .	22.940,00	25.000,00	9,0%
Preço de venda na cidade . . . . .	33.379,45	50.000,00	49,8%

\* Valores corrigidos para junho de 1984

função de "banqueiros", 77 homens, 127 mulheres, 61 meninos e 55 meninas, totalizando 320 trabalhadores. Mulheres e menores de 16 anos totalizam 243 pessoas, cerca de 76% do tal de trabalhadores do corte de tijolos. O achatamento da lucratividade atingiu diretamente esses trabalhadores do corte, que tiveram aumento proporcionalmente menor do que os aumentos da remuneração do forneiro, função exclusivamente masculina. Em janeiro de 1983 pagavam-se Cr\$ 350,00 para cortar; Cr\$ 350,00 para amassar o barro e Cr\$ 280,00 para enforar e desenforar 1.000 tijolos. Em junho de 1984, pagavam-se Cr\$ 2.000,00 para cada uma dessas funções.

Em entrevista grupal realizada com oleiras, perguntei sobre a situação do oleiro, hoje, e recebi as seguintes respostas:

" - Tá de mal a pior. . . "

" - Já teve melhor".

" - Vichi, teve bom".

" - Agora cada ano que passa tá sendo pior. . . "

" - Faz 3 anos atrás era bom. Você fazia que dava para alimentar e ainda comprava uma roupa. E agora só dá pra alimentar".

" - Agora mal dá prá alimentar. . . "

" - Já piorou e ainda tá piorando mais. Deus me livre".

" - Agora é que vai ser. Nós tá cortando 1.000 tijolos; nós vai ser obrigado a cortá 1.500 tijolo. Porque arroz nós vai comer de um precinho. . . Se não chegar a mil, vai beirar".

Analisarei agora a organização e divisão de trabalho na olaria. Conforme já salientei, o trabalho é manual e tipicamente familiar. Empregam-se força animal e tecnologia exclusivamente nas etapas de amassar o barro e transportá-lo do barreiro para a olaria.

A primeira etapa do trabalho consiste em retirar o barro de lagoas situadas nas próprias fazendas, ou do barreiro, popularmente chamado "varjão", região alagadiça, às margens do rio Tietê. A retirada do barro é trabalho manual, feito por um ou dois homens. Retirado o barro, ele é levado em carroções puxados por bois, ou trator, até a olaria, sendo colocado diretamente na pipa movida à energia animal - o burro - ou mecânica, movida à eletricidade ou diesel. Esse trabalho é masculino. O mesmo trabalhador encarrega-se de amassar o barro e distribuí-lo no terreiro, usando carriola, ou carrinho de mão, colocando-o próximo às cortadoras ou banqueiras. Encarrega-se também, em alguns casos, em que a produção da olaria é pequena, de enforar e desenforar os tijolos e manter o fogo aceso. Recebe Cr\$ 2.000,00 para amassar o barro para mil tijolos, Cr\$ 2.000,00 para enforar, desenforar e queimar. Quando a produção é maior, há um homem para amassar o barro, isto é, o amassador e um forneiro.

A atividade de cortar tijolos é feita por mulheres, crianças e homens velhos ou doentes incapacitados para trabalho mais "pesado". Uma criança corta 800 a 1.000 tijolos por dia e uma mulher, de 1.000 a 1.500. Os homens, que não têm que conciliar o trabalho com o serviço doméstico, conseguem cortar 2.000 a 2.500 tijolos por dia, caso sejam hábeis e prolonguem sua jornada de trabalho além de 10 horas diárias. Essa atividade é feita ao ar livre, sem proteção contra o sol.

Embora haja, a nível de discurso, uma perfeita divisão sexual de trabalho, na prática as esferas de ação dos dois sexos não são tão compartimentalizadas. Encontrei várias mulheres que executam funções tidas como exclusivamente masculinas, portanto "pesadas", e homens que executam a tarefa considerada feminina, de cortar tijolos. É interessante demonstrar como, a nível de representação, as oleiras encaram essa "inversão de papéis":

" - Eu agora sou forneira. Trabalho no forno."

" - É encher carriola de tijolo para levar para o forno, carregá caminhão".

Perg. - Por que você faz isso?

" - Porque não tem banca".

Perg. - E como é esse trabalho para a mulher?

" - Ah! É ruim".

" - É o marido dela que ganha, ela não ganha nada. . . O serviço dela fica engalombado (englobado) com o marido dela".

" - Pra mim não paga nada. Só pra ele. Paga trezentos mil". . .

Perg. - E não é pesado encher carriola?

" - É, mas vou fazer o que?"

Perg. - É mais pesado que o cortê?

" - Vichi. . . Nossa. . . Esse serviço é de homem não é de mulher".

" - Eu também era amassadeira, agora que estou no forno".

Perg. - Você amassou barro?

" - É, amassei. Que nem ela aí. Ajuda o marido na pipa".

Perg. - E ajudar na pipa e no forno, qual é o mais pesado?

" - Ah! Eu acho o forno".

" - Todos os dois são pesados porque encher carrinho ali com aquela pá pesada, minha filha, não é mole não".

" - Todos os dois são pesados".

" - Abaixa e levanta". . .

A respeito do trabalho do homem no corte dos tijolos, outro grupo de oleiras expressou-se do seguinte modo:

Perg. - Quem é que corta tijolo na olaria?

" - Quem corta a maior parte é mulher, criança, moleque".

" - Homem mesmo é difícil. Só esses velhinhos que não aguenta mais amassar, trabalhar no forno. Porque homem novo que guenta, ele não pega banca".

" - Ah! Não pega. Uma que eles não gostam, e outra que pra eles não dá ganho. Não dá futuro".

" - Dá muito pouco ganho".

Perg. - É feio homem cortar tijolo?

" - Eu acho".

" - Eu não acho feio não".

" - Eu acho porque serviço de banca é pra mulher, não é pra home, porque serviço de banca é leve. Homem é só amassação e forno".

Perg. - Você acha o serviço de banca mais leve?

" - É mais leve".

" - Pra homem é mais leve, pra mulher é mais pesado, porque ela abaixa e levanta, né. E tem que cuidar de casa. Mas pra homem não é". . .

Perg. — O que vocês acham do homem que corta barro?

— Eu acho mesmo feio”.

— Vichi se não é. Um baíta homão daqueles batendo forma?”

— Moleque, véio e criança que corta barro”.

— É, um homem novo não é bonito mesmo”.

— Eu não gosto que o Mané corta barro. Eu gosto que ele amasse”.

— Eu já penso diferente. Eu não acho feio. Eu sou contra o modo que nós criou o Donizeti, de não obrigar ele cortar barro. Porque eu acho assim. Não é sempre que o homem acha a amassação ou acha um serviço no forno. Se ele não acha, ele tem que enfrentar a banca pra ele sustentar a casa”.

— Isso é, né. Ele tem que fazer de tudo”.

— Quando a mulher corta e caso não tem enfora de tijolo, ele tem que cortar barro”.

— Quando mulher corta 1.000 tijolos, homem dá pra cortar 1.500 ou 1.700. Porque ele só vai se ocupar ali. A mulher não, ela tem que cortar lá, tem que se ocupar no serviço. Ele não. Até 2.000 dá pra eles cortar né?”

— O Mané mesmo corta 2.000 sozinho”.

— É feio um homem ficar batendo no terreiro de olaria pra cortar 1.000 tijolos o dia inteiro”.

— Quer dizer que no caso de ele não achar outro serviço, ele já ganha”.

Embora o trabalho no corte só seja admitido em caso de necessidade, ele existe com freqüência. Nesse caso, exige-se do homem produção maior, uma vez que ele não tem que se ocupar do serviço da casa. A razão do preconceito contra o trabalho do homem no corte de tijolos, embora possa aparecer como estética (“É feio aquele homão na banca”) é, na realidade, econômica: o trabalho de cortar tijolos permite ganho muito menor que o trabalho no forno ou na pipa, considerada uma jornada igual de trabalho.

Cortar tijolo é tarefa que consiste nos seguintes passos: 1º) umedecer as formas de madeira no início do trabalho; 2º) limpar a forma com um estilete de metal; 3º) abaixar-se e cortar, com as mãos, um tolete de barro (pastão), suficiente para dois tijolos; passar areia seca ou úmida na forma, para o barro não grudar; 4º) jogar sobre a banca o excesso de areia; 5º) colocar o barro em um dos lados da forma; 6º) cortar com um arco de arame (arquete), o excesso de barro; 7º) fazer o mesmo para o outro tijolo; 8º) bater a forma; 9º) “lançar” os tijolos no chão, para secar ao sol; 10º) levantar, gradualmente, os tijolos para secarem uniformemente; 11º) à tarde, voltar aos terreiros para recolher os tijolos do chão e colocá-los nas pilhas laterais (banquilhas), cobrindo-os com telha para que não trinquem. As cortadoras recebem Cr\$ 2.000,00 por mil tijolos cortados.

Como uma mulher experiente produz 1.500 tijolos por dia, ela abaixa-se 3.000 vezes por dia. Ao cabo de alguns anos de trabalho as oleiras apresentam problemas de coluna.

Quando os tijolos estão no ponto adequado, são enfiados pelo forneiro, que os coloca no forno obedecendo técnica adequada, e que se encarrega de alimentar o fogo à lenha, de três em três horas, durante 40 a 80 horas. Depois do resfriamento natural do forno, há a

retirada dos tijolos, que muitas vezes é feita descarregando-os diretamente no caminhão do comerciante.

O trabalho nas olarias é tipicamente um trabalho familiar: o pai de família ou filho jovem, geralmente, trabalha como pipeiro ou forneiro e a mulher e filhos ocupam as bancas, cortando tijolos. Observa-se o trabalho de meninas e meninos de 8 anos nas bancas. As crianças menores ajudam a levantar os tijolos ou ficam brincando no terreiro, sob o olhar da mãe. Por isso, a denominamos oleira “olheira”.

A família é contratada verbalmente para executar um trabalho que consiste na produção de um número mais ou menos combinado de tijolos, sob o regime de empreita.

Embora todos os membros da família trabalhem, a renda familiar total é bastante baixa e as condições de vida muito precárias. Em algumas seções de olaria, há fossa negra e água de poço ou cisterna, próximas, para servir as casas e aos trabalhadores. Em outras seções não há sequer fossa negra.

O horário de trabalho varia: das 4 ou 5 às 12 ou 13 e das 15 às 17 ou 18, interrompendo o serviço nas horas de sol muito forte. A jornada é de 9 a 10 horas, de segunda a sábado.

Eventualmente surge algum trabalho fora dessa jornada, à noite, quando há necessidade de carregar um caminhão, recolher tijolos na iminência de chuva ou nas ocasiões em que ocorre procura excepcional de tijolos.

Quanto à assistência e segurança do trabalhador, nota-se que mesmo nas olarias legalmente registradas, a maior parte dos empregados não é registrada e nem sequer possui carteira de trabalho. Algumas registram o arrendatário, seus filhos e alguns homens, mas mulheres e crianças não têm garantias mínimas.

Nas condições descritas, o nível de vida do trabalhador só pode ser precário.

As casas são de tijolos, chão batido e possuem três a quatro cômodos. São poucas as famílias que dispõem de algum mobiliário e utensílios: as de maior renda (dos arrendatários) chegam a possuir jogo simples de quarto, estofado de sala, relógio, rádio, televisão e algum alumínio.

Em razão destas precárias condições de vida, a maior parte das famílias vive migrando, de olaria em olaria, da zona rural para urbana. Os arrendatários chegam a ser mais estáveis, encontrando-se alguns há mais de 15 anos no mesmo local. A tradição do trabalho é familiar: há famílias que estão no ramo há duas ou três gerações.

A migração constante tem ligações com a estrutura da atividade oleira, que se caracteriza por ser sazonal: na época de chuva, não há possibilidade de produzir tijolos.



É corrente nas olarias o seguinte ditado: "galinha de oleiro já pára com os pés para cima para amarrar e pôr no caminhão". Esse ditado confirma que as mudanças são constantes e geraram até uma "lei", consagrada pelo costume, segundo a qual a família de trabalhadores oleiros tem que permanecer, no mínimo, 6 meses na olaria, para não pagar a mudança. Em caso contrário, terá que pagar a mudança ou arrumar um novo patrão que o faça. Isto significa verdadeira servidão: o "passe" dos trabalhadores tem que ser comprado pelo novo patrão.

Analisando as formas de resistência dos oleiros à extrema exploração a que são submetidos, encontrei relatos de quebra voluntária dos tijolos já queimados, de alimentação insuficiente ou inadequada do forno, o que implica na má qualidade dos tijolos ou mesmo na perda total da fornada (30.000 a 40.000 tijolos). Outra forma de resistência, a meu ver, é a mudança constante: o trabalhador "cria encrenca" com o patrão para obrigá-lo a despedir-lo o que o forçará a pagar a mudança, para "livrar-se" do trabalhador inconveniente.

Essas formas de resistência são relatadas frequentemente pelos trabalhadores. Não há na região, nenhuma organização dos trabalhadores oleiros. Mesmo o sindicato, que foi bastante ativo na região nos anos 60, hoje nem sequer é referido.

#### VIDA E TRABALHO DA MULHER NA OLARIA: OLEIRA E OLHEIRA

O trabalho feminino no contexto estudado ganha sentido por ser peça importante dentro do grupo familiar. A possibilidade de conciliar a atividade doméstica com o trabalho, ressalta a importância da mulher enquanto produtora e reprodutora.

Pretendo aprofundar aqui duas dimensões: a de tempo e a de espaço.

Na olaria, tempo de vida é inseparável de tempo de trabalho. Não há descontinuidade entre a jornada doméstica e a de produção de tijolos. A jornada dita "do-

méstica" é combinada ou mesmo *superposta* à jornada de trabalho "fora de casa".

O espaço de produção também é inseparável do espaço da reprodução de força de trabalho. No mesmo espaço e ao mesmo tempo, a oleira trabalha e olha os filhos, socializando-os para a vida e qualificando-os para o trabalho em olaria.

O estudo do orçamento de tempo dessa trabalhadora é altamente revelador: levanta-se às 4 horas, faz o café, acorda os filhos e serve-lhes o café; põe feijão no fogo, quando há. Às 5 horas estão todos na olaria, trabalhando. Quando os filhos são pequenos, permanecem em casa dormindo, até mais tarde. Por volta de 8 horas a oleira volta para apanhá-los e levá-los com ela para o ambiente de trabalho. Os bebês são colocados no chão, sobre sacos, em geral expostos ao sol, vento e poeira da olaria. Às 10 ou 11 horas, às vezes 12 horas, os tijolos já cortados, ela retorna a casa para fazer o almoço. Às vezes, retorna imediatamente para a olaria, para cortar mais tijolos. Outras vezes fica em casa, arrumando a cozinha, limpando a casa. Mais tarde retorna ao terreiro para recolher os tijolos. Está sempre acompanhada pelos filhos, que desde a idade de 4 ou 5 anos já trabalham. Após as 17 horas, retorna a casa, prepara o jantar, dá banho nas crianças, arruma a cozinha. Deita-se por volta de 21 horas. São raras as que vêem televisão nas olarias em que há energia elétrica, preferindo a "novela das 8 horas". (Vide tabela nº 3 que permite visão do horário de levantar e de deitar, das 30 oleiras entrevistadas e a tabela 4, com a distribuição do tempo e das atividades).

No sábado à tarde e no domingo, a oleira lava e passa as roupas e faz uma limpeza melhor na casa. Muito poucas dessas trabalhadoras (as solteiras e algumas mulheres sem marido) têm tempo e espaço para lazer, quando vão à cidade em bailes, festas de Igreja, quermesses ou, simplesmente, passeios pelas olarias, visitando vizinhos. Há raros momentos de descanso. Tudo na vida da oleira é atividade.

TABELA 3

#### HORÁRIO EM QUE AS OLEIRAS LEVANTAM E O HORÁRIO EM QUE SE DEITAM

Levanta \ Deita	3h	4h	5h	6h	7h	8h	Total
19 horas .....				1			1
20 horas .....		4		1			5
20h30min .....	4	2	2				8
21 horas .....	1	3	3	1			8
22 horas .....		2	2		2		6
23 horas .....			1				1
24 horas .....				1			1
Total .....	5	11	8	4	2	-	30

Esse orçamento de tempo evidencia que não há solução de continuidade entre as duas jornadas pois todo o tempo da oleira é ocupado pelo trabalho na olaria e em casa. Além do mais, a socialização dos filhos é concomitante com a atividade de produção e com o trabalho doméstico.

O papel da oleira na socialização dos filhos e no seu treinamento para o trabalho é vital. A análise dos dados, quanto ao trabalho das crianças e quanto a frequência à escola, permitirá dimensionar o papel da mãe como reprodutora da força de trabalho.

TABELA 4		
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DO DIA: MANHÃ, TARDE E NOITE		
Período	Atividades	Total
MANHÃ	- Levanto, faço o café, ponho o feijão, no fogo, faço a mamadeira e vou para a olaria, volto e faço o almoço . . . . .	7
	- Levanto, faço o café, acordo as crianças, dou o café, arrumo a cozinha, e faço o almoço . . . . .	3
	- Levanto, faço o café e vou trabalhar	11
	- Levanto, faço o café, deixo o serviço todo pronto e vou para olaria, volto e faço o almoço . . . . .	5
	- Acordo e vou trabalhar . . . . .	3
	- Não respondeu . . . . .	1
	Total . . . . .	30
TARDE	- Limpo a casa, lavo a roupa, empilho os tijolos, guardo areia, tiro o lixo, volto para casa, tomo banho e faço a janta . . . . .	6
	- Descanso um pouco e faço a janta . . . . .	4
	- Continuo o serviço de casa, descanso, volto e empilho os tijolos e faço a janta . . . . .	10
	- Almoço e volto a trabalhar . . . . .	4
	- Cuido do serviço da casa . . . . .	5
	- Não respondeu . . . . .	1
Total . . . . .	30	
NOITE	- Dou banho nas crianças, janto e vou dormir . . . . .	6
	- Janto, vou dormir depois assistir televisão . . . . .	9
	- Tomo banho, janto, vou para a escola e depois vou dormir . . . . .	1
	- Janto e vou dormir . . . . .	13
	- Não respondeu . . . . .	1
Total . . . . .	30	

Localizei nas olarias, 384 crianças com até 15 anos. Destas crianças, 205 trabalham e 179 não trabalham. (Vide tabela 5); 110 estudam e 129 crianças acima de 6 anos não estudam (tabela 6).

Observa-se que à medida em que a idade das crianças avança, elas desempenham tarefas que exigem maior esforço, dedicação, tempo e habilidade.

As crianças pequenas, de até 4 ou 5 anos já carregam areia ou levantam tijolos. Na faixa entre 6 e 12 anos elas, predominantemente, levantam tijolos ou os cortam. Na faixa entre 6 e 12 anos, 75 crianças levantam tijolos e 37 os cortam. As 37 crianças que cortam tijolos, o fazem no horário em que não estão na escola, das 4 ou 5 horas da manhã às 11 horas. Há inúmeros casos de crianças que não vão à escola por terem que cortar tijolos, e essa tarefa exige presença — mais constante no período da manhã. É muito comum crianças afirmarem: "não vou à escola; a escola atrapalha o meu trabalho".

Das 110 crianças moradoras em olarias que estudam, apenas 26 não trabalham na mesma e, destas, ainda 9 delas tomam conta da casa, responsabilizando-se por todo o serviço para que a mãe possa trabalhar (cortar tijolos). Na realidade temos apenas 18 crianças que apenas estudam e não trabalham. E, estas são filhos de arrendatários ou meeiros.

São três os fatores que retiram as crianças das escolas: primeiro, o fato de que a socialização para o trabalho é feita toda no trabalho, na própria olaria, em que as crianças permanecem com as mães desde a mais tenra idade. A escola não socializa para o trabalho. E observa-se que as famílias que trabalham nas olarias, estão há mais de três gerações no serviço; segundo, devido a insuficiência econômica que obriga as crianças a trabalharem, muitas vezes, desde 3 anos de idade e em terceiro lugar, a migração.

O papel da mãe na socialização para o trabalho, é fundamental: ensina a limpar o terreiro, trazer a areia, levantar os tijolos, "engambetá-los" e, quando a criança está maior, ensina a cortá-los. Inicialmente, a criança "ajuda" a produção da mãe, em banca situada no mesmo terreiro em que a mãe trabalha. À medida que consegue produzir mais tijolos, já pega um terreiro separado.

No capitalismo, "o processo de produção inclui necessariamente o processo simultâneo de reprodução tanto dos meios de produção (onde a força de trabalho é um de seus componentes essenciais) como das próprias relações de produção (onde é fundamental o componente ideológico de crianças de constantes condições de manutenção do sistema). Dentro dessa perspectiva, a família desponta como unidade social que realiza internamente, tanto uma como a outra. Reproduz o trabalhador — enquanto força de trabalho — na medida em que é dentro da família que se realiza toda uma série de atividades que permite ao trabalhador repor sua força de trabalho, de tal forma que ela possa continuar a ser vendida. Em palavras mais simples, é na família que se realiza uma série de atividades que permite ao trabalhador chegar à fábrica toda manhã.

"A essa dimensão, que se poderia classificar como a dimensão material da reprodução, se associa uma outra, que também se realiza na família: a reprodução ideológica, não só da força de trabalho atual como dos

futuros trabalhadores" (Fausto Neto, 1982, p.18-9).

Ana Maria Fausto Neto, de quem extraí a citação acima, salienta que a família é unidade de formação de renda, de reprodução da força de trabalho e de parentesco. Na olaria, a família tem mais uma função: a de capacitar mão-de-obra para o trabalho. A família é unidade de reprodução física, ideológica e técnica. Nela, avulta o papel da mulher como socializadora.

A fusão do espaço físico é acompanhada da fusão dos papéis da mulher. Essa identificação no espaço e nos papéis gera contradições agudas e pouco percebidas pelas trabalhadoras.

A fusão das duas jornadas, consideradas favoráveis pela própria oleira, na realidade é fator que gera ambigüidades: se por um lado permite à mulher conciliar seus dois papéis, por outro malbarata o seu trabalho, diminui-o aos olhos do patrão e a seus próprios olhos, por transferência de ideologia.

Na olaria o trabalho invade a vida da reprodutora e a vida da reprodutora invade o trabalho. O público e o privado são inseparáveis.

Do ponto de vista da produção, a fusão do público e do privado é favorável, por garantir mão-de-obra ba-

TABELA 5

TRABALHO E FAIXA-ETÁRIA DAS CRIANÇAS DAS OLARIAS

Trabalho \ Faixa Etária	Faixa Etária						Total
	0 3	3 6	6 9	9 12	12 15	15	
Trabalham na Olaria							
Banca	—	—	4	33	62	19	118
Levanta	—	9	46	29	—	—	84
Amassa	—	—	—	—	1	1	2
Carrega Areia	—	1	—	—	—	—	1
Sub-Total	—	10	50	62	63	20	205
Não Trabalham	56	79	28	8	6	2	—
Sub-Total	56	79	28	8	6	2	179
Total Geral	56	89	78	70	69	22	384

TABELA 6

TRABALHO, FAIXA-ETÁRIA E ESCOLARIDADE DAS CRIANÇAS DAS OLARIAS DE BARBOSA

Trabalho \ Faixa-Etária \ Escolaridade	Trabalham							Sub-Total	Não Trabalham							Sub-Total	Total
	Trabalham								Não Trabalham								
	0 3	3 6	6 9	9 12	12 15	15	0 3		3 6	6 9	9 12	12 15	15				
Estudam	—	—	20	44	17	3	—	—	—	13	8	4	1	—			
Sub-Total	—	—	20	44	17	3	84	—	—	13	8	4	1	26	110		
Não Estudam	—	10	30	18	46	17	—	56	79	15	—	2	1	—			
Sub-Total	—	10	30	18	46	17	121	56	79	15	—	2	1	153	274		
Total Geral	—	10	50	62	63	20	205	56	79	28	8	6	2	179	384		

rata, constante e sob o controle direto do patrão. Mas essa fusão permite brutal exploração da froça de trabalho.

Interessante notar que o espaço privado (o espaço da família, da socialização, da reprodução) é público (é todo o espaço da olaria e do trabalho) e o espaço público é o privado.

Tudo é parte da propriedade privada. O ir e vir é controlado. Isso decorre do caráter rural da atividade "industrial": enquanto a cidade é o *locus* privado do espaço público, o meio rural não tem, a rigor, espaço público. Todo o espaço é dominado pela propriedade privada. O espaço privado é do patrão, não do trabalhador, pois toda a vida da família, a socialização das crianças ocorre no ambiente dominado pela propriedade privada e pelo trabalho. O inverso também parece ser verdadeiro: o espaço que seria público é privatizado pelo trabalhador que torna o espaço do trabalho, o espaço da vida da família.

Essa privatização do público é favorecida também pela proximidade das casas. Segundo uma informante, na olaria "mora tudo embolado; parece mingau encaroçado". A fusão entre o público e o privado ocorre também na confusão entre relações de trabalho, relações familiares e relações de vizinhança pois a contigüidade das habitações favorece as divergências entre moradores que, muitas vezes, são demitidos em decorrência de desavenças com vizinhos, motivados pelo barulho das crianças, pelo cachorro ou por bebedeiras e barulho.

Há uma domesticação do espaço, de trabalho, na olaria. Há um extravazamento do doméstico sobre o que seria público, através das crianças, da socialização feita concomitantemente com o trabalho. Há também uma domesticação do espaço privado.

Cabe indagar: quem domina a privatização, a domesticação do espaço público? O trabalhador ou o dono da olaria? Talvez seja o próprio dono da propriedade, para manter o trabalhador sob controle, para economizar o tempo de deslocamento entre a casa e o trabalho e para permitir a conciliação da dupla jornada de trabalho da oleira, favorável à exploração. A manutenção do trabalhador sob estrito controle através do controle sobre ir e vir que o fornecimento da casa "de graça" favorece, é vital para a continuidade da exploração uma vez que a produção é toda irregular: a jornada de trabalho excede as 8 horas, não há registro dos trabalhadores, não há pagamento de impostos. A necessidade de domesticar o espaço pode advir do caráter clandestino da exploração. A esse respeito convém salientar que as olarias estão localizadas em bairros rurais de difícil acesso. Curiosamente, um desses bairros chama-se "Escondido".

O trabalhador também parece ser a gente importante da privatização, da domesticação do espaço. Embora o trabalho produtivo seja importante para a mulher, a nível ideológico ela privilegia a função de reprodutora, o que a faz privatizar o espaço. Não é só o patrão quem privatiza o espaço. É também a trabalhadora, a família.

Através das crianças, da socialização que é feita no espaço da olaria, há um extravazamento do doméstico sobre o que seria público.

O espaço que seria público é o espaço da produção, especialmente o terreiro e o forno. O espaço do ter-

reiro, mais próximo à casa, aos filhos, ao privado, é o espaço feminino. Embora sendo espaço da produção, a trabalhadora o privatiza pois é nele que ela socializa os filhos. O espaço do forno é mais masculino: encontra-se mais próximo ao público, pois é nele que o barro se consolida em tijolo e é nas suas proximidades que se torna produto, via comercialização. Essa cisão no espaço não é absoluta: a mulher pode trabalhar no forno e, frequentemente, o faz, conforme análise anterior. O homem trabalha no terreiro, quando há outro trabalho ou quando encontra-se incapacitado para trabalhar mais "pesado".

Quero aqui salientar dois aspectos: primeiro, não há uma separação absoluta entre a esfera masculina e feminina, entre o espaço masculino e feminino, embora haja, a nível de discurso, divisão de trabalho que fixa perfeitamente os papéis sexuais no trabalho e, segundo, o espaço do trabalho é privatizado pela trabalhadora, via socialização dos filhos e mesmo através da vida sexual.

Destaco aqui um trecho de entrevista em que oleiras, em grupo, analisam o seu corpo e sexualidade.

Perg. — Para que serve o corpo da mulher?

" — Serve pros homens".

" — Pra quem dá valor".

" — Pra trabalhar".

" — Pra boniteza".

" — Pra ser feio, umas tem corpo tão elegante e outras...".

" — Serve pra usar".

Perg. — Para usar onde?

" — Serve para abraçar".

" — Na cama".

" — Pra usar na cama, no serviço".

" — No chão".

" — Na grama, na areia".

" — Pra criar bastante filhos".

Perg. — E onde é melhor usar: na cama ou no serviço?

" — Na cama".

" — Na cama".

" — Ah! Meu Deus! ...".

" — No forno . . . Na privada . . . Na casinha de areia". . .

Perg. — É comum casais usarem o forno, a casinha de areia à noite?

" — Tem".

" — Tem olaria que sempre acontece"

" — É casado, é solteiro. O que mais a gente vê mesmo é casado com . . . assim . . . homem casado com mulher casada. . .".

" — Rapaz com moça é difícil"

" — De primeiro, no solão quente assim, você saía pra pescar na beira da lagoa (de onde se extrai o barro) e via nego sair do pé de coqueiro . . . Achava nota de 500 paus".

Perg. — Mas isso é por dinheiro?

" — É nada".

" — Faz por gosto". . .

Esse trecho de entrevista permite constatar que os trabalhadores invadem o espaço da produção através de relações — sexuais no forno, na casinha onde é guardada a areia que é passada nas formas para que o barro não

grude, no terreiro ou nas proximidades das lagoas de onde é extraído o barro.

A sexualidade manifesta-se no único espaço de que dispõem: a olaria.

A olaria é o espaço da produção e da reprodução: "oleira", "olheira".

## A INAPLICABILIDADE DAS NOÇÕES DUAIS AO TRABALHO DA MULHER NA OLARIA

Na olaria, tempo de vida é inseparável de tempo de trabalho. A produção da força de trabalho ocorre no mesmo espaço e ao mesmo tempo em que a oleira produz tijolos. A jornada "doméstica" é combinada com a jornada "fora de casa". No mesmo espaço e ao mesmo tempo, a oleira trabalha e "olha" os filhos, socializando-os, transmitindo-lhes lições de vida e capacitando-os para o trabalho como oleiros.

A trabalhadora combina, no decorrer do dia, as tarefas domésticas com a produção de tijolos.

As informações precedentes sobre o trabalho na olaria permitem a constatação de que não há dicotomias no tempo nem no espaço de vida e trabalho da oleira. As dicotomias público-privado, masculino-feminino na esfera do trabalho, etc., não existem na atividade oleira, em que predomina o trabalho familiar e onde há contigüidade entre o espaço de trabalho e de vida. A noção de dupla jornada deve ser aplicada com o cuidado de explicitação de que as duas jornadas se combinam, ou melhor, há uma jornada *combinada* ou *superposta* e não uma dupla jornada.

Podemos encontrar no meio urbano, profissionais que tem o privilégio de poder combinar o trabalho com a jornada doméstica: profissionais liberais, professores e profissionais de instituições muito especiais. Mas o número de ocupações que permite isso é muito pequeno no mundo urbano. No meio rural existe apenas onde o salarizado não penetrou. De outra parte, mesmo essas profissionais "privilegiadas" pela possibilidade de combinar as duas jornadas, o fazem, não sem embaraços. A combinação das duas jornadas significa interrupção de continuidade no trabalho produtivo e implica na necessidade da mulher passar rapidamente de uma atividade a outra absolutamente diferente; o tempo empregado nas atividades que caracterizam o papel de esposa e de mãe é irreversivelmente perdido para a realização de papéis profissionais.

A jornada combinada, para a oleira não é, portanto, nenhum privilégio. Ela exerce o papel de mãe, ao mesmo tempo que exerce o papel profissional.

As duas jornadas da trabalhadora de olaria são concomitantes e entremeadas, estão imbricadas, *superpostas*. Para distinguir esta forma daquela em que a mulher combina simplesmente as jornadas no decorrer do dia, denominei a jornada da oleira, "jornada *justaposta*" e esta última "jornada *combinada*".

Enquanto para a mulher urbana, profissional liberal, a possibilidade de combinar as duas jornadas é, em termos, um privilégio, para a oleira é uma imposição do capital que, aliado ao patriarcado, subordina a mulher no processo de produção e reprodução da força de trabalho. A família nesta situação, deve ser pensada

no processo de reprodução de mercadorias, que é concomitantemente processo de reprodução da mercadoria força de trabalho. Nesse processo, em que o capitalismo produz produtos e ao mesmo tempo produz seres humanos como força de trabalho, a família e, conseqüentemente, a mulher não tem nenhuma autonomia.

Mulher e família são subordinadas ao interesse do capital que gera essas "soluções", jornada combinada, jornada justaposta ou dupla jornada, conforme a conveniência da reprodução do capital. E ao subordinar a família, o capital engendra uma situação em que submete a mulher a novo esforço, a mais trabalho.

As dicotomias surgem com o capitalismo, com trabalho assalariado e a subordinação real do trabalho ao capital. O capitalismo ao se desenvolver secciona a vivência de homens e mulheres que passam a enfrentar um cotidiano cheio de bipolaridades forjadas pelo próprio sistema: espaço público e privado, tempo de trabalho e tempo de vida, jornada pública e doméstica, trabalho e não trabalho. Com o trabalho assalariado surgem as dicotomias para dentro/para fora, para casa/para os outros, público/privado.

As dicotomias surgem quando o trabalhador é submetido ao capital, quando o capital se apossa dos meios de produção e transforma o trabalhador em trabalhador assalariado para o capital. Surge, portanto, com a subordinação *real* do trabalhador.

Nas olarias estudadas, não há dicotomias no tempo e no espaço de vida e de trabalho. Tal como ocorre na pequena produção, nas olarias, o próprio trabalhador organiza o trabalho. O nível de desenvolvimento das forças produtivas, descrito anteriormente, é tão restrito que não há a maquinaria. Esta imporia novo ritmo de trabalho e o controle do trabalho vivo pelo morto.

Na atividade oleira a divisão do trabalho ocorre no interior da família. O próprio trabalhador fixa a sua jornada, o seu ritmo e a forma como irá executar o trabalho. Evidentemente essa "liberdade" é relativa, pois há certo compromisso verbal com o capital de garantia da produção diária combinada. Além do mais, o limite do tempo de trabalho é determinado pelo interesse do trabalhador e por suas necessidades, uma vez que o trabalhador é pago por peça.

Essas colocações evidenciam a inadequação dos conceitos bipolares, para explicar situações de vida de trabalhadores formalmente submetidos ao capital. O conceito de dupla jornada, por exemplo, não se aplica, na realidade em estudo. É conceito forjado para explicar a vivência da trabalhadora urbana, das atividades submetidas ao capital, quer na indústria ou no comércio. O espaço do trabalho e o tempo de trabalho são separados



do espaço e tempo de vida e de reprodução da força de trabalho.

A cisão no tempo e espaço é engendrada pelo capital, que à medida que avança, procura obter níveis mais altos de produtividade do trabalho, submetendo o trabalhador de forma cada vez mais aguçada. A separação entre o espaço de trabalho e de vida ou a contigüidade desses espaços, dependem do interesse do capital, que manipula essa dimensão, bem como a de "tempo".

A separação entre espaço e tempo de trabalho e de vida, sob a ótica do capital, é adequada à elevação da produtividade nos setores em que a sofisticação tecnológica se impõe. Nas atividades manufatureiras, submetidas ao capital como na produção de roupas e bordados a domicílio, ou mesmo nas olarias, a não separação, a contigüidade é solução ideal para a reprodução capitalista. É solução que, aliada ao caráter clandestino das atividades (tanto na produção de roupas e bordados quanto na olaria) garante ao capitalismo a apropriação de grandes massas de valor, e a sua reprodução a baixo custo.

No caso das olarias, a ausência de dicotomias é explorada pelo capital que, desta forma, retém a mão de obra familiar sob seu controle, garante a reprodução da unidade produtiva e explora a condição feminina. Os direitos das mulheres, enquanto trabalhadora, não são garantidos, porque ela não é registrada. O argumento usado para discriminá-la refere-se à sua condição de mulher, que tem que arcar com o ônus da reprodução. A mulher não é vista como trabalhadora "efetiva". Seu trabalho aparece com o caráter de "ajuda", como complementar, acessório.

Em entrevistas realizadas com oleiros, donos de olaria ou com arrendatários, escutei afirmações do tipo: "trabalho da mulher não tem importância. Ele entra na empreita do marido" (oleiro); "mulher sempre fez o serviço mais leve. Homem é serviço bruto. Empurrar carrinhos de 400 quilos mais ou menos. A mulher trabalha normalmente para ajudar o marido. É serviço leve. Assim mesmo é só para ajudar o marido. E não é efetiva. Trabalha só para dar uma mão, no tempo em que ela está mais ou menos em situação boa de trabalhar. Se tem um problema de casa, que nem amolou um moleque de noite, ela já não vai trabalhar. Se ela quiser ajudar ela vai, se não quiser não é obrigado. Quando ela não vai geralmente as crianças e as moças vão cortar. Cortar tijolo não é pesado. É o mais leve que tem. . . . Em moça não dá problema. É o mais leve que tem. Justamente onde a criança e a mulher trabalha (. . .) muita gente vai para a olaria porque na roça não tem condições de uma criança trabalhar. Na olaria tem. Quer dizer uma mulher não vai pegar um caminhão de bóia-fria. Na olaria não; tá ali, tá no terreiro. O pai tá olhando, porque às vezes os pai são enjoado, não quer que a filha vai trabalhar de empregada doméstica, não quer que a filha vai pegar caminhão. Na olaria não. Ele tá olhando. Prefere mais porque tá ali, tá olhando. De fato eu acho que o certo é isso. Principalmente as filhas. Vai trabalhar em outra cidade, principalmente essas meninas que não têm muita experiência" (arrendatário); "não há um limite para o corte. Cada um estabelece quanto vai cortar naquele dia. O corte exige jornada menor de trabalho, por isso é feito por mulheres.

Geralmente a mulher trabalha com os filhos. Eles estudam e não cortam tijolo o tempo todo. A mulher entra às 4 horas para cortar tijolo, às 6 horas ela pára para fazer o café do marido, depois lavar roupa, etc. Ela pára o trabalho para os afazeres da casa. Por isso, elas não são registradas. Pois o seu trabalho não é constante. O homem já tem uma relação empregatícia certa. A mulher não, ela não é constante. Não há continuidade. É um trabalho eventual" (dono de olaria).

Avultam, nessas informações, aspectos que merecem análise: o trabalho da mulher é sempre referido como complementar, como acessório, como "ajuda". É visto também como provisório, como transitório, como não constante e como "eventual". Ao homem compete o sustento da casa. A mulher trabalha quando puder, para complementar a renda, ou na eventualidade de um gasto extraordinário.

Essas concepções sobre o trabalho feminino que organizam e legitimam a dominação masculina, justificam a discriminação que cerca o trabalho da mulher, garantindo ao capitalismo mão-de-obra a baixo custo.

No caso específico das olarias, há a perfeita fusão dos papéis de produtora e de reprodutora. O trabalho de oleira permite a realização concomitante das tarefas domésticas, e permite o exercício do papel de reprodutora, na medida em que os filhos permanecem junto à mãe, brincando ou já trabalhando, enquanto ela exerce seu papel de produtora. Daí oleira-olheira. A mulher não separa os dois papéis, de produtora e de reprodutora. Ela ensina a trabalhar e dá noções de vida enquanto trabalha. Não há separação entre a trabalhadora e a mãe. A fusão dos papéis de produtora e reprodutora, gera, na maior parte dos casos, a submissão do primeiro ao segundo.

A vantagem da olaria, do ponto de vista da dominação, é que a mulher trabalha "em roda da casa", o que significa, sob as vistas do marido ou do pai. O capitalismo é aliado do patriarcalismo na subordinação e na discriminação da mulher. Ambos reforçam a mística do trabalho como auxílio, típico do setor informal da economia.

A função de reprodutora é mais enfatizada no núcleo de orientação familiar. A proximidade da casa, a possibilidade de exercer a supervisão (olheira) torna a jornada de oleira melhor aos olhos da própria mulher que incorpora essa ideologia, encarando seu trabalho como ajuda, como provisório, como eventual. Algumas das oleiras entrevistadas afirmam essas "vantagens" do trabalho de oleira e acrescentam: "no trabalho de olaria posso não trabalhar o dia que tenho um filho doente, ou posso largar mais cedo quando o serviço de casa aperta".

As representações que as oleiras têm sobre sua vida e trabalho refletem a ideologia gerada para sustentar esse modo de vida: a nível de representação, as trabalhadoras preferem o trabalho doméstico, que denominam "serviço", mas acabam subordinando-o ao trabalho voltado para a produção de mercadorias, que em última instância, é o que garante a sobrevivência do grupo familiar. Na realidade, as oleiras enxergam sua vida como constante labuta oscitando entre privilegiar o trabalho ou o "serviço", na medida em que ambos são vitais e inseparáveis no real. A reprodução de modo de produção capitalista é, ao mesmo tempo, a reprodução da vida.

Essa ideologia incorporada pela mulher, justifica a exploração. Na medida em que aos seus próprios olhos não se engaja de forma permanente no trabalho, não usufrui os direitos de trabalhadora e não os reivindica. A transitoriedade do trabalho que é consequência da posição da mulher na família e do caráter transitório, sazonal da atividade de olaria é usada pelo patrão, para não registrar as mulheres e explorá-las mais agudamente.

A respeito dos dois tipos de trabalho que exercem, assim se expressam as trabalhadoras de olaria:

Perg. — A olaria atrapalha o serviço de casa?

“ — Atrapalha, porque tem que deixar o serviço pra trás, né?”

“ — O tempo da gente tá limpando a casa, a gente tá cortando barro”.

“ — A gente pára o barro pra fazer o almoço. Vamos supor o dia que acaba mais cedo é duas horas. Até chegar em casa, arrumar a cozinha, limpar a casa, se não lavar roupa no outro dia tem roupa para lavar, tem tanto serviço pra fazer. Chega lá pelas 4 horas, vai empilhar tijolo, acaba de empilhar, cobrir pilha com a telha. Volta pra dentro de casa pra dar banho no moleque. Ah! Deus me livre!”

Perg. — E o serviço da casa atrapalha a olaria?

“ — Atrapalha, né, mas a gente deixa de banda”.

“ — É o que a gente ganha, né? A gente esforça na olaria e o serviço da casa a gente deixa, porque não dá pra cuidar dos dois, não dá tempo”.

“ — Se não trabalhar não ganha, né?”

Embora o *trabalho* (na olaria) seja considerado como prejudicial ao *serviço* (da casa), é este que é abandonado, deixado de lado, para permitir a obtenção de alguns ganho destinado à compra do alimento, necessário à subsistência do grupo familiar.

Embora muitas vezes o trabalho seja visto como transitório pelas próprias trabalhadoras, a nível de representação, a realidade da vivência dessas mulheres é de constante trabalho. São curtos os períodos em que não trabalham: durante a “dieta”, algumas guardam o “resguardo”; logo após o casamento, quando ainda não há filhos para aumentar as despesas familiares. A vida dessas mulheres é de trabalho, dos 7 aos 70 anos. São raras as que conseguem parar de trabalhar antes dos 50 anos. A jornada de trabalho é extensa; conforme já salientei é de, no mínimo, 9 horas de duração.

O estudo da vida diária, do orçamento de tempo da trabalhadora de olaria e da precoce socialização para o trabalho, leva-me a questionar afirmações de que a personalidade *status* da mulher não está voltada para o trabalho, em oposição à personalidade *status* masculina, que seria integrada à personalidade básica e voltada para a profissionalização.

Entre as mulheres que estudei, parece não ocorrer a separação entre personalidades básicas e personalidades *status*. A mulher cuja família está inserida em setores em que não há separação nítida entre o público e o privado está imbuída da noção de trabalho desde cedo pois a *socialização primária* se faz no trabalho, em casa, na roça, na olaria ou no emprego doméstico. A personalidade dessa mulher não é *dicotômica*.

Na olaria, meninas e meninos trabalham desde os 7 anos. Com 3 ou 4 anos, já ajudam a levantar ti-

jolos, limpar o terreiro, carregar areia. Indagadas sobre as brincadeiras de infância, as oleiras sempre afirmam que nunca brincaram, sempre trabalharam. Meninos e meninas são educados no trabalho e para o trabalho, voltado para a subsistência do grupo familiar. Brincadeiras, quando há, são adequadas à socialização para o trabalho: as crianças brincam de fazer tijolinhos, formas para os tijolinhos e fornos em miniatura para queimá-los.

Mais uma vez tenho que afirmar que as noções dicotômicas não são aplicáveis à análise da vivência de todas as mulheres. Afinal, “a Rosa não é a Rosa”.

Com a “Rosa não é a Rosa”, eu quis evidenciar que os destinos das mulheres em diferentes situações de classes, são diversos. Quis evidenciar ainda a dificuldade de encontrar conceitos adequados ao processo de reconstrução do real em suas múltiplas manifestações.

Ao analisar a vivência feminina é fundamental considerar a dimensão de classe, evitando transportar mecanicamente conceitos e interpretações forjadas para certa realidade, para outra que guarda com esta semelhança meramente formais, ou nem isto.

As análises sobre a questão da mulher, trabalho e família, tem encontrado normalmente quatro tipos de mulheres: a que se dedica puramente ao trabalho doméstico; a que desenvolve atividade fora do lar esporadicamente; a que tem um padrão *misto*: desenvolve dois *períodos consecutivos de trabalho*; a que trabalha fora de casa em tempo integral. Neste trabalho pude demonstrar, a partir da minha pesquisa (e de material coletado por outros estudiosos da questão) a existência de mais dois tipos de trabalhadoras: a que combina as duas jornadas de trabalho, no decorrer do dia, e a que experimenta a *superposição* das duas jornadas. Para explicar a vivência desses dois tipos de trabalhadoras, usei as expressões “jornada combinada” e “jornada superpostas”, por me parecerem mais adequadas que a noção de dupla jornada.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EIGENHEER, S.C.F. A pequena produção e o trabalho feminino numa área do Alto Jequitinhonha. In: FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- FAUSTO NETO, A.M. *Família operária e reprodução da força de trabalho*. Rio de Janeiro, Vozes, 1982.
- PAULILO, M.I.S. *A mulher e a terra no Brejo Paraibano*. In: FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- WOORTMANN, K.A.A.W. *A família trabalhadora*. In: ANPOCS *Ciências Sociais hoje*. São Paulo, Cortez, 1984.